

A inovadora linguística saussuriana e a língua lituana

Vítor Jochims Schneider^a

Fernando Silva e Silva^b

Caroline Nogueira da Silveira^c

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar o que há de inovador na proposta linguística de Ferdinand de Saussure, ao mesmo em tempo que a situa no ambiente intelectual da pesquisa em linguagem do século XIX. Nossa intenção é tornar mais complexas as imagens associadas a esse autor, que muitas vezes vê seu papel reduzido por epítetos como “pai da linguística”, “fundador do estruturalismo” ou cuja contribuição aos estudos da linguagem por vezes leva em conta apenas o Curso de linguística geral. Através da leitura dos textos publicados em vida que abordam a língua lituana, assim como uma parte do manuscrito Notes sur l’accentuation lituanienne, apresentamos o funcionamento teórico do que consideramos ser o núcleo do pensamento saussuriano: a diferença. No que diz respeito à língua enquanto objeto da ciência saussuriana, a diferença se desdobra em três aspectos, a saber, a imaterialidade, a virtualidade e a relatividade. Após apresentar esses três elementos do que chamamos de linguística da diferença na primeira seção do trabalho, consagramos a segunda aos trabalhos em torno do lituano, trazendo um breve sumário de seu papel na obra do linguista. Na última seção, introduzimos os leitores às Notes sur l’accentuation lituanienne e analisamos alguns de seus aspectos teoricamente inovadores. Esperamos, assim, deslocar a imagem tradicional do autor Ferdinand de Saussure, possibilitando que esse nome de autor invoque também outras formas de se produzir conhecimento nos estudos da linguagem e que não se perca de vista sua participação ativa na comunidade científica da gramática histórico-comparada.

Palavras-chave: Linguística saussuriana. Lituano. Gramática histórico-comparada.

Recebido em 31 de agosto de 2017

Aceito em 08 de janeiro de 2018

^a Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor adjunto da Universidade Federal do Pampa (Campus Jaguarão); E-mail: vitorjochims@gmail.com.

^b Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor e pesquisador da Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades; E-mail: fernandosasilva@gmail.com.

^c Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora e pesquisadora da Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades; E-mail: carolns23@gmail.com.

Introdução

Antes de tudo, Ferdinand de Saussure é um nome. É por este nome próprio que referenciamos Ferdinand-Mongin de Saussure, nascido em 26 de novembro de 1857, filho de Louise Elisabeth de Pourtalés e Henri de Saussure, ambos representantes da aristocracia genebrina. Para além de se referir a esse sujeito histórico, cuja biografia poderia ser desdobrada em diversas páginas, Ferdinand de Saussure é um sintagma nominal empregado, sobretudo, para referenciar um *nome de autor* (FOUCAULT, 1992). Essa sequência de palavras é, portanto, uma ferramenta discursiva da qual lançamos mão, enquanto leitores, para agenciar massas discursivas. A partir desta manipulação de porções textuais, somos capazes de produzir, de nossa posição de leitores, diferentes imagens de uma subjetividade que estaria por trás dos textos que associamos a esse nome.

Ao longo do século XX, a imagem de autor elaborada para o nome de Ferdinand de Saussure sofreu uma série de transformações. Entre os retratos de um gramático comparatista da *École des Hautes Études*, de um pesquisador noturno dedicado ao estudo dos versos saturninos e de um suposto pai do estruturalismo, situam-se diversos trajetos de leitura de um considerável corpus textual. Essa leitura ativa feita a partir de diferentes portas de entrada no corpus saussuriano propiciou agenciamentos que resultaram em deslocamentos, destaques e apagamentos de possibilidades diversas de compreensão do pensamento do linguista genebrino.

Após um século de leituras e interpretações do texto estabelecido por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir dos cursos ministrados entre 1908 e 1911, a imagem solidificada para o nome Ferdinand de Saussure é a de um sujeito cujo exercício intelectual elabora com firmeza os princípios de uma ciência estabilizada que situa a língua como objeto digno de investigação científica. Essa imagem de autor se faz presente em grande parte dos manuais de introdução à linguística, que se dedicam a parafrasear as ferramentas conceituais do *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG), assim como em investigações detalhadas de diferentes porções do corpus textual saussuriano, sobretudo aqueles que constam nos *Escritos de linguística geral*, nas quais um grande fôlego analítico é mobilizado

para identificar, ou produzir, solidez epistemológica nas propostas do linguista genebrino. A intenção, tanto de leituras estruturalistas quanto de outras interpretações, é de estabelecer a teoria saussuriana da linguagem como uma teoria científica nos moldes galileanos, isto é, no formato da ciência moderna (BOUQUET, 2004, MILNER, 1995). O sucesso de tal empreitada depende de estabelecer um objeto propriamente universal para a ciência da linguagem, ou seja, assegurar identidades indiferentes ao tempo e ao espaço. Um saber objetivo que não seria afetado por particularidades para além de meros acidentes sobrepostos a essências.

No entanto, sustentamos neste trabalho¹ que a linguística buscada por Saussure é um saber situado (HARAWAY, 1991). O objeto construído pela ciência saussuriana da linguagem possui três características que, ao invés de o desenraizar e o elevar ao estatuto de universal, situam-no; a saber, ele é imaterial, virtual e relativo (cf. SCHNEIDER; SILVA E SILVA, 2016 e *infra*, seção 2). Para entender a distinção proposta, entre uma teoria linguística universal, fundamentada sobre a identidade, e uma que seja situada, mobilizada pela diferença, podemos pensar, por exemplo, no desenvolvimento da reflexão linguística da gramática. Os gramáticos latinos apropriaram-se dos conhecimentos desenvolvidos pelos gregos. A proximidade das línguas permitiu que o intercâmbio fosse proveitoso e também propiciou um início de comparação entre idiomas. Entretanto, a institucionalização e disciplinarização da gramática fizeram com que as categorias aplicadas por ela a línguas específicas, situadas no espaço e no tempo, fossem compreendidas como a própria matéria da linguagem. É possível observar essa prática da gramática de Port-Royal nos trabalhos de missionários nas missões e colônias europeias ao redor do mundo. O trabalho desses religiosos, em geral, aplicava mais ou menos acriticamente sobre línguas locais categorias indo-europeias na elaboração de suas gramáticas *ad hoc*. Contemporaneamente, a linguística chomskyana tem uma abordagem similar, situando certos tipos de sintagma na mente dos falantes como origem das estruturas linguísticas possíveis, universalizando certos funcionamentos da linguagem através da tese do inatismo.

Não se trata aqui de criticar as abordagens das teorias clássicas da linguagem nem a linguística de Chomsky, mas

¹ Assim como em trabalhos anteriores: SCHNEIDER, 2016; SCHNEIDER; SILVA E SILVA, 2016; SILVA E SILVA, 2015; SILVA E SILVA, s/d; SILVEIRA, 2015.

apenas chamar atenção à ausência na obra de Saussure de conteúdos linguísticos pré-dados. Quando mobiliza categorias tradicionais e estabelecidas, como veremos, o faz com desconforto e dificuldade, pois nutre a desagradável antecipação de não ser compreendido.

Essa situação já pode ser percebida no *CLG*. No entanto, temos mais clareza do desconforto de Saussure na negociação com as ferramentas analíticas disponíveis quando, a partir de 1957, são publicadas *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique General*, de Robert Godel. A partir desse momento, o texto de Bally e Sechehaye começa a ser lido não mais como obra uma mas como um conjunto de reflexões organizadas *a posteriori*. Dessa maneira, a imagem de uma ciência bem acabada, que estaria sendo estabelecida num ato fundado por Saussure, pôde passar a ser vista como o efeito de atos de leitura. Nesse sentido, os exercícios filológicos realizados em torno do corpus saussuriano produziram diferentes imagens para o nome Ferdinand de Saussure. As imagens produzidas por trabalhos como os de Jean Starobinski, Rudolf Engler, Simon Bouquet, Johannes Fehr, Jürgen Trabant, John Joseph nada mais são do que os resultados interpretativos de um exercício investigativo feito por diferentes trilhas de retorno a Saussure.

O objetivo deste trabalho é enriquecer o debate em torno da ciência saussuriana da linguagem por meio de uma leitura dos escritos publicados em vida sobre o lituano, assim como uma apresentação do manuscrito *Notes sur l'accentuation lituanienne* (doravante NAL). Tal investigação se faz com o intuito de sustentarmos que – apesar das interpretações e difusões diversas deste século de interpretações – Saussure não nos oferece uma linguística dos generalismos universais, pelo contrário, ele se propõe a fazer uma ciência da linguagem apoiada no conceito de diferença. Esperamos, assim, deslocar a imagem tradicional do autor Ferdinand de Saussure, possibilitando que esse nome de autor invoque também outras formas de produzir conhecimento nos estudos da linguagem.

Uma linguística da diferença

O falante, dentro do projeto da linguística saussuriana, é uma figura central. Ele é, ao mesmo tempo, produtor e guardião da língua, assim como aquele que é capaz de dar ao linguista

a última palavra. Como afirma Saussure (2006, p. 213), “em última instância [...], a [análise] dos falantes é a única que importa, pois está fundada diretamente nos fatos de língua”. Certamente, um falante qualquer não possui o refinamento científico do linguista e nem sua capacidade descritiva, sua competência reside no fato de que “tudo o que for significativo num grau qualquer aparece-lhes como um elemento concreto, e eles o distinguem infalivelmente no discurso” (CLG, p. 123). É por isso que “a Linguística sincrônica só admite uma única perspectiva, a dos falantes” (CLG, p. 247).

É importante enfatizar esse ponto porque, historicamente, o espaço do falante foi minimizado, em especial no gesto interpretativo do estruturalismo. Ao colocá-lo em segundo plano, perde-se de vista que a língua tanto perdura quanto se transforma no e pelo falante. É por isso que é importante complexificarmos a história do pensamento saussuriano, pois, como afirma Christian Puech: “Uma vez admitido que a ideia de um ‘Saussure fundador do estruturalismo’ não é mais do que um atalho cômodo, acreditamos que o destino do saussurismo não estará encerrado de uma vez por todas” (PUECH, 2005, p. 110²).

Não podemos perder de vista que a comunidade científica na qual Saussure estava inserido (mais sobre isso na seção seguinte) estava inteiramente voltada para a realização do projeto da gramática histórico-comparada. A aventura saussuriana diz respeito a estar à altura dos desafios impostos pelos falantes, pelas línguas e pela história. Por isso, para Saussure, o problema d’A língua está sempre fundamentado n’As línguas plurais. Aquilo que se pode chamar de universal na língua e na linguagem nunca é descoberto, mas sim construído no cuidadoso percurso da pesquisa.

Dessa maneira, o aparato conceitual da pesquisa saussuriana, diferentemente, por exemplo, da de seus contemporâneos neogramáticos e suas propostas empiricistas e substancialistas, é assentado sobre a noção de diferença. Ela permite que o genebrino aborde o objeto língua desdobrando três características: imaterialidade, virtualidade e relatividade.

A língua, sob a ótica saussuriana, é imaterial, pois sua existência não está fundada sobre a substancialidade do ato fonatório nem pode ser reduzida a este ou aquele traço biológico. A língua é sustentada pela realidade mental coletiva

² Todas as citações de fontes em língua estrangeira foram traduzidas pelos autores deste trabalho.

de uma comunidade de falantes. Não estamos, no entanto, sugerindo que Saussure seja um idealista. Certamente, sua língua conta com uma materialidade própria. O que está em jogo para ele é tornar a língua irreduzível à sua substância fônica ou gráfica, pois as entidades da língua, isto é, aquilo que o falante discerne, não são um efeito de sua substância. Pelo contrário, a percepção de haver algo substancial é um efeito da diferença. Esse fato traz principalmente duas consequências teóricas: nos estudos que dizem respeito a um idioma apreendido sincronicamente, especialmente no caso de um idioma pouco descrito, é inadequado abordá-lo com conceitos pré-dados sobre as categorias que uma língua comporta. O recorte das unidades, Saussure tenta nos abrir para esta possibilidade, sempre pode ocorrer de maneira nova e inesperada. Por conseguinte, as pesquisas de caráter diacrônico, ao tentar perceber, descrever e narrar as mudanças em um idioma, não podem restringir-se ao dado substancial, pois a língua excede suas ocorrências particulares, aquilo que seria passível de ser colhido e registrado de maneira mais imediata.

Tal excesso, podemos chamar, acompanhando Saussure, de virtualidade. A realidade da língua é composta simultaneamente de suas parcelas atual e virtual, sendo esta necessariamente bastante maior do que aquela. Tal dimensão da língua é intuída pelo linguista através da observação das múltiplas tendências transformadoras, destruidoras e criadoras que compõem os idiomas no presente e em sua história. Metodologicamente – poderíamos dizer, ainda, ontologicamente –, esse aspecto da língua ganha forma na linguística saussuriana no eixo associativo, assim como nos processos analógicos. Esses dois conceitos da teoria saussuriana – e também outros como sistema, eixo sintagmático etc. – nos mostram que, além de ter as características já apontadas da imaterialidade e da virtualidade, a língua saussuriana é relativa.

Por relativa, devemos entender relacional, isto é, os diversos elementos que compõem a língua estão em relações de diferentes tipos e a essência de qualquer entidade linguística é dada apenas pelas relações mantidas naquele exato recorte de tempo e espaço. Após, em outro lugar e/ou para outro falante, as entidades não serão as mesmas. Esse traço de relacionalidade nos indica ainda que cada variação na língua acarreta uma cascata de outras mutações, manifestação de

tendências até então suprimidas e o desaparecimento quase total de características milenares. A primazia da relação está perfeitamente expressa no célebre axioma “a língua é um sistema de signos”, se não perdermos de vista que os signos são posteriores ao sistema, um efeito dele.

A confluência dessas três características, imaterialidade, virtualidade e relatividade, na definição do objeto científico “língua” é o que constitui o que identificamos em Saussure como uma linguística da diferença. Compreendemo-la assim, pois é a diferença como princípio ontológico, no lugar da identidade, que potencializa o pensamento saussuriano à sua radicalidade.

Saussure e o lituano

Graças à publicação de *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, organizada por Charles Bally e Léopold Gautier em 1922, podemos construir o horizonte retrospectivo das investigações desenvolvidas pelo linguista ao longo de sua vida. Os textos reunidos nesse volume, em sua esmagadora maioria (exceto os textos publicados em periódicos não científicos), poderiam ser facilmente identificados como pesquisas em gramática comparada. Desse conjunto de títulos, encontramos quatro publicações cronologicamente encadeadas, entre 1892 e 1897, que tratam de problemas investigativos referentes à língua lituana (quadro 1).

Quadro 1. Títulos relacionados à língua lituana

| | <i>Título</i> | <i>Publicação</i> | <i>Ano</i> |
|---|--|---|------------|
| 1 | <i>À propos de l'accentuation lituanienne (intonations et accent proprement dit)</i> | <i>VII Memoire de la Société Linguistique de Paris</i> | 1894 |
| 2 | <i>Sur le nominatif pluriel et le génitif singulier de la déclinaison consonantique en lituanien</i> | <i>Indogermanische Forschungen</i> | 1894 |
| 3 | <i>Resumo de comunicação</i> | <i>Actes du X^e Congrès International des Orientalistes</i> | 1894 |
| 4 | <i>Accentuation lituanienne</i> | <i>Indogermanische Forschungen</i> | 1896 |

Fonte: elaborada por SCHNEIDER, 2016

Ao fazer uma análise de tais artigos, John Joseph (2009; 2012), observa que esse conjunto de títulos apresenta uma particularidade que revela o peso que a língua lituana tem enquanto objeto investigativo para o linguista genebrino.

Primeiramente, o penúltimo texto listado, o resumo de uma comunicação sobre a acentuação lituana apresentada no *X^e Congrès International des Orientalistes*, é o único exemplar de uma apresentação oral realizada por Saussure para um público internacional. De acordo com Joseph, esse texto registra um dos raríssimos momentos em que Saussure travou contato com membros da comunidade científica de seu tempo que não fossem os já íntimos frequentadores da *Société Linguistique de Paris*.

Essa apresentação oral, na qual Ferdinand de Saussure rastreia de maneira precisa uma mudança fonética típica da língua lituana, permitiu ao mestre genebrino ter seu nome gravado no panteão da gramática comparada como sendo o autor de uma lei fonética. Ao lado dos nomes de Jacob Grimm, Franz Bopp, August Leskien, Herman Osthoff e Karl Brugmann, encontramos o nome do linguista genebrino na denominação da *lei de Saussure*. Segundo essa lei, na língua lituana observa-se o fenômeno no qual um acento passa de um circunflexo para um agudo ao deslocar-se para a sílaba da direita. Por exemplo, **rānk* > *rankà*; **laĩkyti* > *laikýti* (COLLIGE, 1985).

A publicação e o conseqüente reconhecimento da *lei de Saussure* são o ponto de chegada de um longo trajeto de pesquisa e manipulação de dados. Na gramática comparada, ou seja, na ciência padrão contemporânea a Saussure, é esse o ponto mais alto que o nome do linguista genebrino alcança. Portanto, décadas antes da publicação do *CLG*, o nome de Ferdinand de Saussure já havia deixado sua contribuição nos manuais de gramática comparada do início do século XX graças à formulação dessa lei fonética. Para o grupo restrito dos pesquisadores contemporâneos dedicados a esses estudos, o nome de Ferdinand de Saussure segue sendo vinculado ao fenômeno observado na diacronia da acentuação lituana.

Além de conter o resumo da comunicação oral que permitiu o registro da lei de Saussure, o conjunto de publicações em torno do lituano traz também dois textos publicados na *Indogermanische Forschungen*, o periódico germânico de maior relevância dentro dos estudos comparatistas, coordenado por

Karl Brugmann, seu antigo professor em Leipzig, e Wilhelm Stritberg. John Joseph (2009; 2012), ao analisar as publicações em torno do lituano, diagnostica um trajeto investigativo ambicioso que Ferdinand de Saussure buscava traçar. A leitura que podemos fazer desses textos, através da perspectiva de Joseph, permite observar que o interesse de Saussure pelo sistema acentual lituano se dá pela suposição de que os dados coletados na região báltica, nos quais é possível rastrear as manifestações do acento agudo lituano, apresentariam uma forma linguística remanescente que corresponderia à quarta vogal indo-europeia deduzida em seu *Memóire*.

Para que tenhamos uma compreensão mais concreta da relevância da investigação desenvolvida por Saussure em torno do acento agudo lituano, será necessário que nos detenhamos por um momento para desembaraçar o fio de Ariadne que o linguista supunha haver preso entre esse dado da língua báltica e a quarta vogal primitiva elaborada em sua juventude. Para tanto, será necessário apresentar brevemente as especificidades do fenômeno investigado e o modo como ele foi abordado a partir da ótica comparatista na qual Saussure se inseria. Ao retomar essa linha, com o apoio de John Joseph (2009) e Daniel Petit (2010; 2013), apontaremos, de modo abreviado, duas etapas da empreitada saussuriana. Primeiramente, apresentaremos a reelaboração conceitual que o linguista promove para tratar do fenômeno em questão e, num segundo momento, apresentaremos o rastreamento diacrônico que tal modificação conceitual permitiu realizar.

O lituano pertence ao grupo linguístico báltico, que abarca um total de nove idiomas descritos, todos eles localizados na costa do Mar Báltico. De todas as línguas descritas pertencentes a esse grupo, apenas o lituano e o letão são falados na atualidade; as demais línguas – prussiano antigo, galindiano, sudoviano, escalviano, curoniano, seloniano e semigaliano – encontram-se há mais de séculos extintas. Atualmente, o lituano é o idioma oficial da Lituânia e conta com cerca de três milhões de falantes; o letão, idioma oficial da Letônia, conta com um milhão e quatrocentos mil falantes (PETIT, 2010; PEDERSEN, 1931).

No século XVII, os primeiros estudos de classificação linguística consideravam as línguas da região báltica como o resultado de uma mistura de idiomas germânicos e eslavos. Nas

primeiras fases da gramática comparada, Rasmus Rask (1787-1832) e Franz Bopp (1791-1867) já registram as línguas bálticas como uma família no conjunto das línguas indo-europeias (PEDERSEN, 1931). Devido ao seu isolamento geográfico e cultural, as línguas da região báltica permaneceram por muito tempo inexploradas pelos comparatistas. No entanto, esse mesmo isolamento recobriu tais idiomas de uma série de crenças que culminaram por transformar as línguas bálticas, especialmente o lituano, em um objeto fetiche dentro dos estudos históricos das línguas indo-europeias.

O primeiro linguista a se dedicar a um estudo sistemático do idioma foi August Schleicher (1821-1868). Suas obras *Litauische Grammatik* (1856) e *Litauisches Lesebuch und Glossar* (1857) foram compostas a partir de uma pesquisa de campo realizada ao longo de cinco meses na cidade de Ragnit, na Prússia Oriental. Durante sua estadia, o linguista coletou uma série de dados que lhe serviram de base para a composição de suas obras que, posteriormente, vieram a ser fonte de consulta para Jonas Jablonskis (1860 - 1930), no início do século XX, para propor uma padronização do lituano enquanto idioma oficial da recém-fundada República da Lituânia (PEDERSEN, 1931).

A obra de Schleicher foi responsável pela difusão de dados que revelavam o caráter arcaico do sistema fonológico lituano. Esse aspecto da língua lituana é mobilizado até mesmo no *Curso de Linguística Geral*, mais especificamente, no capítulo II – *A língua mais antiga e o protótipo* – da quinta parte da obra – *Questões de linguística retrospectiva* –, para exemplificar uma compreensão adequada do que seria uma língua “antiga”.

A palavra “antigo” pode designar, enfim, um estado de língua mais arcaico, vale dizer, cujas formas se mantiveram mais próximas do modelo primitivo, afora toda questão de data. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o lituano do século XVI é mais antigo que o latim do século III antes da nossa era. (CLG [1991], p. 252)

Esse parágrafo apresenta, com o intuito de despertar a surpresa do leitor, como a *antiguidade* da língua lituana pode ser compreendida em termos de *conservação* de um estado de língua, ao invés de a partir de uma perspectiva de mera distância cronológica.

A presença do lituano como exemplo de língua conservadora não se dá por acaso. A conservação de seu

sistema fonológico era um conhecimento amplamente compartilhado pela comunidade dos gramáticos comparados. Uma rápida aproximação entre termos cognatos – gr. *huiús*, sk. *sūnuh*, lit. *sūnus*; lat. *vir*, sk. *vīrah*, lit. *vyras*; lat. *pēs*, gr. *poús*, sk. *pādah*, lit. *padas* – permite-nos observar a forte correspondência fonológica entre a língua europeia moderna e o conjunto de línguas clássicas (MEILLET, 1908).

Além do grande número de correspondências fonológicas que podem ser traçadas entre o lituano moderno e as línguas antigas, o idioma apresenta uma série de singularidades gramaticais que lhe conferem um grande interesse investigativo no interior das línguas indo-europeias. Enquanto a maior parte das línguas europeias diminuiu o número de casos através do desenvolvimento de um sistema preposicional, o lituano produziu ao longo dos séculos outros três casos específicos de locativo, contando, em seu estado atual, com um sistema de sete casos básicos e quatro complementares (KLIMAS, 1969).

O lituano, no que se refere ao sistema verbal, apresenta, além dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo, os modos permissivo e narrativo, que ampliam o seu repertório flexional. Para tornar essa multidão de desinências verbais ainda maior, o idioma apresenta treze formas participiais sintéticas, ao passo que nas línguas latinas e germânicas esse número chega no máximo a três. O idioma apresenta cerca de 93 verbos atemáticos, configurando um processo morfológico praticamente extinto nas línguas modernas, mas extremamente produtivo em lituano (DAMBRIUNAS, 1964; KLIMAS, 1969).

Ao serem mapeadas pela gramática comparada, tais características levaram o idioma lituano a ter uma presença bastante ativa nas pesquisas linguísticas das últimas décadas do século XIX. No princípio do século XVIII, Bopp e Rask iniciam o estudo das línguas bálticas, nomeando-as como pertencentes a uma família indo-europeia diferenciada; na década de 1870, ocorre a consolidação das línguas bálticas enquanto um objeto de estudo.

Após o trabalho inaugural de Schleicher, surge na comunidade germânica dos comparatistas uma série de investigações a respeito do idioma lituano. August Leskien (1840–1916), professor do jovem Saussure em Leipzig, publica, em 1876, o artigo *Die Declination im Slavisch-Litauischen und Germanischen*, no qual o célebre autor apresenta ao público o

princípio de *Aunahmslosigkeit*, o qual nortearia as pesquisas desenvolvidas pelos neogramáticos.

Anos mais tarde, Leskien retoma as investigações da língua lituana na companhia do seu colega Karl Brugmann (1849-1919). Ambos os pesquisadores repetem a façanha de Schleicher e realizam uma expedição de coleta de dados nas terras bálticas. Essa viagem rendeu uma coleta de dados significativa que consta na obra *Litauische Volkslieder und Märchen*, de 1882.

Como se pode observar, as saídas de campo para lugares onde as línguas bálticas eram faladas eram uma prática difundida entre os comparatistas. O próprio Ferdinand de Saussure, após a defesa de sua tese de doutorado – *De l'emploi du genitif absolu em sanskrit* –, parte para a Prússia Oriental com o provável intuito de coletar dados da língua báltica falada na região. Essa jornada para uma região fora do território de circulação do linguista genebrino permaneceu por muito tempo como um “ponto obscuro em sua biografia” (BENVENISTE, 1964), porém, recentemente, pesquisas em torno dos materiais do *Archives Ferdinand de Saussure* têm revelado detalhes relevantes sobre a prática de campo do jovem linguista entre os meses de julho e agosto de 1880 (PETIT; QUIJANO, 2008; PETIT, 2010; 2013).

Enquanto a pesquisa filológica dos fragmentos textuais nos oferece detalhes para reconstruir de modo mais fidedigno os deslocamentos de Ferdinand de Saussure, os textos publicados pelo linguista ao longo de sua vida nos permitem traçar uma trajetória de investigações em torno da língua lituana. Para o leitor contemporâneo, para quem Ferdinand de Saussure costuma ser identificado como um teórico da linguística geral, os estudos do mestre genebrino em torno da língua lituana podem parecer mais uma de suas facetas noturnas, justaposta aos retratos do estudioso dos versos saturninos e das lendas germânicas. No entanto, se nos dedicarmos a vasculhar o corpus textual publicado por Saussure, ou seja, os textos que o linguista expunha à luz de seus contemporâneos, perceberemos que o lituano não é um objeto periférico da investigação saussuriana.

O artigo *À propos de l'accentuation lituanienne* (1896) toma como base a sistematização do sistema acentual lituano tal como proposta por Friedrich Kurschat (1806-1884), em sua *Beiträge zur Kunde der Littauischen Sprache*, de 1849. Segundo essa

abordagem, as palavras em lituano apresentam uma vogal pronunciada com mais intensidade que as demais e essa vogal pode ser pronunciada de três modos distintos: grave, agudo ou circunflexo. Esses três padrões de entonação podem ser mapeados conforme quadro 2:

Quadro 2. Os diferentes modos das vogais em lituano

| <i>Tipo de acento</i> | <i>Ocorrência</i> | <i>Padrão tonal</i> | <i>Exemplo</i> |
|----------------------------|-------------------------------|--|--|
| <i>Grave</i> | <i>Vogais breves</i> | <i>Rápida elevação do tom no princípio da sílaba seguida de queda imediata.</i> | <i>bûtas = u (apartamento)</i> |
| <i>Circunflexo (douce)</i> | <i>Vogais longas Ditongos</i> | <i>Lenta e gradual elevação do tom no princípio da sílaba seguida de queda imediata.</i> | <i>sôdas = óo (jardim) kiẽmas = ié (fazenda)</i> |
| <i>Agudo (rude)</i> | <i>Vogais longas Ditongos</i> | <i>Rápida elevação do tom no princípio da sílaba seguida de queda gradual.</i> | <i>brólis = óo (irmão) lángas = án (janela)</i> |

Fonte: adaptado de JOSEPH (2009; 2012); PETIT (2010; 2013)

Enquanto nas demais línguas europeias modernas o acento é caracterizado por uma mudança de intensidade apenas, o lituano preserva as variações de contorno tonal. As diferenças do contorno tonal que uma vogal tônica pode assumir estão relacionadas com a posição do acento na palavra. Na maior parte dos substantivos, o acento é móvel, ou seja, ele muda de posição conforme a declinação em que o radical se fizer presente. A palavra *vaĩsiu* (fruta) apresenta, no nominativo singular, acento circunflexo no radical; porém, quando a palavra é declinada no acusativo plural - *vaisùs* -, o acento ocorre na desinência com contorno grave. Diante do fenômeno da mobilidade acentual, Friedrich Kurschat propõe uma sistematização morfológica dos nomes em lituano em quatro paradigmas acentuais, nos quais está prevista a mobilidade do acento e a mudança de seu contorno tonal.

Ferdinand de Saussure, já em seu primeiro artigo sobre o tema, propõe uma alteração radical no modo de abordar o fenômeno. Enquanto Kurschat mapeia a acentuação lituana

manipulando o conceito de *Betonung* – que costuma ser traduzido como *acento* –, Saussure insiste na distinção entre *accent* e *intonation*.

O acento, segundo Saussure, não deve ser compreendido como uma característica específica de um determinado segmento fonológico, mas como *efeito* de um contraste de intensidade que se manifesta *a partir* das relações estabelecidas entre as sílabas de uma palavra. Desse modo, o acento é a materialização de uma diferença sintagmática.

Já a entonação é uma característica própria da sílaba lituana, sendo, portanto, independente do acento. Desse modo, a sílaba lituana, independentemente de seu valor na estrutura da palavra, possui um contorno tonal próprio, que pode vir a ser intensificado pelo acento. A entonação, diríamos, é uma diferença associativa, que é manifestada pela marcação de uma diferença sintagmática.

Com essa distinção em mãos, o linguista genebrino expõe uma detalhada análise na qual se verifica que há uma distribuição dos contornos tonais relacionada com a posição da vogal tônica na palavra. De acordo com a proposta saussuriana, quando a vogal tônica é verificada na segunda sílaba, ela assume um contorno agudo, ao passo que a sua anterior é grave ou circunflexa. Em contraste, quando a tônica recai sobre a primeira sílaba, outro padrão é verificado (quadro 3).

Quadro 3. Contornos tonais do lituano

| | <i>Posição do acento</i> | <i>Sequência tonal</i> |
|--|--------------------------|---|
| <i>laĩkỹti</i> - (ele mantém) <i>valdūva</i> - (administração) <i>lošiù</i> - (jogo) <i>kiaūrlè</i> - (porco) | <i>Segunda sílaba</i> | <i>Circunflexo átono + agudo tônico</i> |
| <i>ráizyti</i> - (ele corta) <i>výras</i> - (homem) <i>kóši</i> - (cesto) <i>jáutis</i> - (boi) | <i>Primeira sílaba</i> | <i>Agudo tônico + circunflexo átono</i> |

Fonte: adaptado de JOSEPH (2009; 2012); DOGIL(1999)

A exposição feita por Saussure no artigo de 1894 não contém dados inéditos, visto que os exemplos listados já são velhos conhecidos dos linguistas. O genebrino, no entanto, demonstra uma outra forma de analisar o fenômeno linguístico; onde Kurschat havia identificado o comportamento do *Betonung*, Saussure identifica uma interação entre dois objetos distintos: *accent* e *intonation*.

Feita essa reforma nas ferramentas de análise, Ferdinand de Saussure parte para a segunda etapa de sua investigação: um estudo diacrônico das diferenças de entonação. Para isso, o linguista recorre ao trabalho de Filip Fortunatov (1848 - 1914) acerca das correspondências entre o lituano e o sânscrito. O linguista russo havia descrito as correspondências entre o acento agudo em lituano que ocorre nas sílabas *ir*, *il*, *im*, *in* e as formas sânscritas *īr*, *īl*, *īm*, *īn*, ou *ūr*, *ūl*, *ūm*, *ūn*. Em paralelo a isso, o acento circunflexo do lituano corresponde, em sânscrito, a uma vogal curta ou aos coeficientes soantes *ṛ*, *ḷ*, *ṁ*, *ṇ*. A correspondência pode ser exposta conforme quadro 4:

Quadro 4. Comparação acentual entre as línguas

| Lituano | Sânscrito | Grego | Latim |
|-----------------------|---------------|-------------------|---------------|
| <i>ir agudo</i> | <i>īr, ūr</i> | <i>ρη, ρα, ρω</i> | <i>rā</i> |
| <i>ir circunflexo</i> | <i>ṛ</i> | <i>ap, ρa</i> | <i>or, ur</i> |

Fonte: adaptado de SAUSSURE (1922); JOSEPH (2009; 2012)

Ao juntar todas essas peças, Fortunatov descrevia a entonação lituana como uma característica correspondente ao padrão tonal suposto num estado primitivo do indo-europeu. O linguista acreditava encontrar no idioma báltico um aspecto da língua indo-europeia que teria permanecido intacto ao longo dos milênios na boca de uma comunidade de sujeitos falantes. Para Saussure, a entonação lituana não apresentava obviamente a prosódia intacta da língua indo-europeia, porém tal característica – decorrente de uma inovação mais tardia – ofereceria a peça que faltava para dar crédito à sua tese sobre o sistema vocálico indo-europeu que constitui o seu *Mémoire*.

Ainda no artigo de 1894, Saussure apresenta que a diferença entre a *intonation rude* e a *intonation douce* que se verifica no estado atual do lituano – sobretudo sobre a sílaba

/ir/ – derivaria de uma diferença fonética que se fez presente num estado anterior. “tratava-se de uma diferença fônica que cessou de ser fônica em lituano” (SAUSSURE, 1922, p. 499). O objetivo de Saussure agora é reconstruir as formas que articulavam essa diferença fônica que em lituano deixou de operar e passou a ser uma distinção tonal.

Arriscando muito mais do que seu colega russo, Saussure vai mais além na sua hipótese e afirma que a diferença entre *ir* agudo e circunflexo lituano, bem como a diferença entre *īr*, *ūr* e *ṛ* sânscrito, derivam de uma distinção fonológica que se fez presente num estado primitivo do indo-europeu. A distinção que Saussure propunha nada mais era do que a ação da vogal prevista no seu *Mémoire*.

Observando novamente a tabela com as publicações de Ferdinand de Saussure em torno da língua lituana, podemos observar que no ano de 1894 são registradas suas publicações longas em torno do lituano. Nesse mesmo ano, no mês de setembro, Saussure realiza sua comunicação oral no *X^e Congrès International des Orientalistes*. Se retomarmos a célebre carta de Saussure a Antoine Meillet, de 4 de janeiro de 1894, encontraremos, além das confissões do desgosto de trabalhar com as ferramentas científicas disponíveis para a linguística, o registro, breve e contido, de um entusiasmo investigativo:

O começo do meu artigo sobre a entonação será publicado. O segundo artigo terminará aquilo que quero dizer sobre a entonação e conterà minhas observações sobre a acentuação, assim como sobre a entonação letã, que é (eu o disse a você?) um efeito da acentuação – sem relação com a entonação lituana!! (BENVENISTE, 1964, p. 95)

O artigo a que Ferdinand de Saussure se refere é *À propos de l'accentuation lituanienne (intonations et accent proprement dit)*, o qual, conforme encontramos no *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, é encerrado indicando aos leitores – por meio de um *à suivre* – que o conteúdo da investigação seria desenvolvido em outra publicação. Os leitores dos *Memôires de la Société Linguistique de Paris* esperaram em vão, visto que este segundo artigo de complementação nunca foi publicado. O tema da acentuação báltica só foi retomado pelas publicações de Saussure dois anos mais tarde na revista alemã, com o artigo *Accentuation lituanienne*, no qual o linguista, sem alterar as proposições do texto de 1894, termina

por reivindicar a autoria da lei fonética de atração do acento pela entonação aguda, pois o mapeamento de tal fenômeno estava sendo disputado por Herman Hirt.

O manuscrito *Notes sur l'accentuation lituanienne*

O manuscrito NAL encontra-se atualmente na *Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève* sob o registro Ms. fr.3953, o qual compreende um conjunto de 327 folhas, ou 654 páginas, de notas manuscritas por Ferdinand de Saussure. No ano de 2008, a revista *L'Herne*, no *Cahier 76*, organizado por Simon Bouquet e dedicado a Ferdinand de Saussure, permitiu que uma parte deste manuscrito viesse a público através da edição realizada por Mareike Buss, Lorella Ghiotti e Ludwig Jäger.

Ainda que parte do material tenha sido disponibilizada há pouco tempo para o grande público leitor, sua existência já é conhecida pelos pesquisadores da filologia saussuriana há algumas décadas. Godel, no fim dos anos 50, ao organizar pela primeira vez o material, supôs que tais registros teriam sido a base de reflexões para o segundo artigo que Saussure havia prometido ao final de *À propos de l'accentuation lituanienne*. A interpretação dos editores dos manuscritos é, entretanto, distinta. Dado o fato de que o manuscrito conta com o esboço da estrutura de um livro, à qual se refere diversas vezes ao longo das páginas e remete um suposto leitor para parágrafos e capítulos anteriores, os editores sustentam a hipótese de que tal material estaria em elaboração para constituir uma publicação mais longa, um provável livro sobre a acentuação em geral, e não apenas um artigo específico sobre a acentuação da língua lituana.

Levamos em conta aqui as NAL tal como publicadas no *Cahier 76*. O texto disponibilizado na revista não corresponde às mais de 500 páginas arquivadas na biblioteca genebrina; somente uma parcela desse material foi editada pela equipe de investigadores e publicizada nessa edição da revista. O material disponibilizado nessa edição contém o intervalo entre as folhas 256 e 327. Essa pasta, por sua vez, é composta de dois cadernos e 36 folhas soltas. A datação do material foi possível graças aos rascunhos de cartas registados junto ao restante dos manuscritos que permitem fazer uma inferência da data em que o material foi escrito. De acordo com Jäger et

al. (2008), o primeiro caderno pode ser datado com segurança de maio de 1894.

Apesar do objeto central do estudo ser, evidentemente, a acentuação lituana, Saussure faz uma colocação críptica e talvez até, aparentemente, contraditória: “o objeto central das questões de acento não é o acento” (SAUSSURE, 2003, p. 335). No entanto, se lemos essa afirmação dentro da posição teórico-metodológica saussuriana que desenvolvemos previamente, ela se torna mais clara. O objeto de um estudo sobre o acento não é propriamente o acento porque, primeiramente, a substância do acento, variações de entonação na fala por exemplo, não nos diz nada de definitivo sobre ele. Saussure explica esse ponto com uma comparação: “[a] física do acento e a gramática do acento [...] são coisas tão estranhas uma à outra quanto a física de uma cor e aquilo que se pode chamar de gramática heráldica dessa cor” (p. 337). Em segundo lugar, não há, por si só, um fenômeno que possa ser delimitado como o acento sem referência aos outros fatos e unidades da língua. Ao tratar do que constitui uma palavra, Saussure sentencia: “não há elementos constitutivos da palavra. Uma palavra é constituída exclusivamente por sua diferença com outras [...]. Não há na palavra um substrato sobre o qual se adicionem traços diferenciais, os traços diferenciais *são* a palavra. Esgotados, não resta qualquer resíduo” (p. 344, grifo no original).

Com esse movimento teórico, Saussure desessencializa por inteiro as unidades da língua. Não devemos compreender que o acúmulo das diferenças é um processo histórico que, uma vez concluído, cristaliza a palavra em uma certa forma. Pois, “adicionada a mais insignificante das diferenças, ela se torna no mesmo instante uma parte da palavra tão essencial quanto todas aquelas que a precedem”, isto é, os processos de diferenciação nunca cessam, a língua e suas unidades estão sempre em mudança. O fluxo constante da língua não é para Saussure uma hipótese de trabalho, mas sim o dado empírico ao qual o linguista deve fazer jus caso deseje fazer verdadeira ciência da linguagem.

Não por acaso, as NAL contam com um personagem conceitual (DELEUZE; GUATTARI, 1992), o *grammairien* [gramático], cuja função é apontar os desafios que a pesquisa linguística, nesse caso especificamente do acento, impõe ao estudioso da linguagem. O *grammairien* está em constante

atividade. Ele coleta, descreve, separa, organiza e produz dados, mas ignora “qual a importância, o sentido ou o objetivo desse estudo” (SAUSSURE, 2003, p. 335). Como uma espécie de linguista iniciante, inocente sobre as dificuldades da prática científica, o *grammairien* deve descobrir aos poucos que a língua não é mais do que diferenças e, dessa maneira, refazer a ciência da linguagem, alicerçando-a sobre outros parâmetros. Sendo assim, ao longo das notas, Saussure ressignifica diferentes expressões e sugere outras ainda para o instrumental da gramática histórico-comparada. Assim, no que diz respeito à palavra, por exemplo, a própria ideia de elemento constitutivo é refeita, mas o termo não será abandonado: “este primeiro epíteto de constitutivo, ainda que errado, não tem grande consequência porque uma vez reconhecido formalmente que tudo aquilo que constitui a palavra é simplesmente *o que a diferencia*, não pode haver divergência sobre a adequação do termo” (NAL, p. 344, grifos do autor).

Este breve percurso dentro deste ainda muito pouco conhecido manuscrito nos permite confirmar aquilo que já pode ser entrevisto nos trabalhos publicados por Saussure em vida, a saber, que sua relação com a gramática histórico-comparada é de continuidade crítica, porém sem tratar-se de um abismo histórico-epistemológico. É através dos dados, métodos e preceitos dessa ciência que o genebrino construirá a sua própria, não situando a linguística em um enquadramento teórico pré-existente, como no do positivismo científico ou das ciências euclidianas ou galileanas, como querem alguns intérpretes, mas sim assentando-a sobre um entendimento processual da constituição das entidades linguísticas baseado na diferença.

Considerações finais

A leitura de diferentes porções do corpus saussuriano tem permitido a investigadores construir abordagens cada vez mais detalhadas e reflexivas a respeito dos processos especulativos que deram forma ao pensamento de Ferdinand de Saussure. A leitura dos trabalhos publicados em vida sobre o lituano, assim como dos trechos publicados do manuscrito NAL, permite-nos também contribuir para esse trabalho coletivo que visa a voltar a Saussure um olhar historicamente

situado. Ao nos debruçarmos sobre tal material, podemos compreender o pensamento do genebrino como diretamente vinculado aos problemas estabelecidos pela comunidade científica de seu tempo. Pela via desses trabalhos, não nos encaminhamos para um retorno a um ponto estático de origem da reflexão saussuriana ou da linguística como disciplina, mas somos conduzidos a um pensamento enraizado no centro da ebulição reflexiva e das disputas científicas que caracterizaram as comunidades científicas do século XIX.

Ao analisarmos os textos aqui elencados, acompanhando Saussure ao longo de suas investigações comparatistas, podemos perceber que, mesmo sem mobilizar os conceitos centrais que figurariam no *Curso de Linguística Geral*, o linguista genebrino elabora um modo específico de manipular seu objeto de investigação. Essa trajetória nos conduz a compreender o pensamento saussuriano não como uma operação de corte, nem mesmo como uma ruptura, mas sim como a realização de uma prática investigativa consciente de si. Isso nos permite elaborar um retrato para o nome de autor Ferdinand de Saussure que se distancia da imagem produzida por epítetos reducionistas e enriquece sua história e suas contribuições teóricas.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Genebra, Droz, v. 21, p. 93-130, 1964.

BOUQUET, S. Introdução à leitura de Saussure. Tradução de Carlos A. L. Salum; Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004. COLLIGE, N. *The laws of Indo-European*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

DAMBRIUNAS, L. A general characterization of the Lithuanian language. *Lithuanian Quarterly Journal of Arts and Sciences*. Chicago, v.10, n. 3-4, Fall-Winter, 1964.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DOGIL, G. Baltic languages. In: DER HULST (org.), H. *Eurotyp 4: word prosodic systems in the languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter, 1999.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.

HARAWAY, D. J. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of the partial perspective. In: _____. *Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991.

JOSEPH, J. Why Lithuanian accentuation mattered to Saussure. *Language and history*. v. 52, n. 2, p. 182-198, Nov. 2009.

_____. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KLIMAS, A. The importance of Lithuanian for Indo-European linguistics. *Lithuanian Quarterly Journal of Arts and Sciences*. Chicago, v. 15, n. 3, 1969.

MEILLET, A. *Introduction à l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes*. Paris: Librairie Hachette, 1908.

MILNER, J. *Introduction à une science du langage*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

PETIT, D. New insights on Lithuanian accentuation from the unpublished manuscripts of Ferdinand de Saussure (1857 – 1913). *Baltic Linguistics*. Warsaw, v. 1, p. 143-166, 2010. Disponível em: <http://www.balticlinguistics.uw.edu.pl/sites/default/files/full_texts/BL1_Petit.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

_____. Ferdinand de Saussure, l'Indoeuropeo e il Lituano. *Res Balticae*. Pisa, n. 13, 2013, p. 5-33. Disponível em: <<http://resbalticae.fileli.unipi.it/wp-content/uploads/2015/06/XIII-5-33-Petit-Daniel.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

PETIT, D.; QUIJANO, C. Du nouveau à propos du voyage de F. de Saussure en Lituanie. *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Genebra, n. 61, p. 133-157, 2008.

PEDERSEN, H. *The Discovery of language: Linguistics Science in the XIX Century*. Bloomington: Indiana University Press, 1931.

PUECH, C. L'émergence de la notion de "discours" en France et les destins du saussurisme. *Langages*. Paris, n. 159, p. 93-110, 2005.

SAUSSURE, F. *Recueil des publications scientifique*. Texte établi par BALLY, C. et GAUTIER, L. Librairie Payot, Genève 1922. Disponível em: <<https://archive.org/details/recueildespublic00sausuoft>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

_____. Notes sur l'accentuation lituanienne. Editado por Ludwig Jäger, Mereike Buss e Lorella Ghiotti. In: BOUQUET, S. (Org). *Cahiers de l'Herne*. Saussure. Paris: Éditions de l'Herne, 2003, p. 323-350.

_____. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEIDER, V. J. *Notes sur l'accentuation lituanienne: uma ciência em construção*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHNEIDER, V. J.; SILVA E SILVA, F. De 1816 a 1916: retornar ao passado de Saussure. *Prolíngua*, vol. 11, n. 2. 2016, pp. 92-102.

SILVA E SILVA, F. *Entre Saussure e Benveniste: reflexões sobre uma outra linguística*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. O pensamento saussuriano e os trabalhos publicados em vida. S/d. Disponível em: <independent.academia.edu/fernandosasilvaesilva>.

SILVEIRA, C. N. da. *O CLG como objeto histórico: um estudo das gramáticas*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Abstract

The innovative Saussurean linguistics and the Lithuanian language

This article aims to show what is innovative about Ferdinand de Saussure's linguistic theory, while situating it in the broader intellectual environment of 19th century linguistic research. Our intention is to complexify the images associated with this author whose role is oftentimes reduced to epithets such as "the father of linguistics", "the founder of structuralism", or whose contribution to language studies is considered to be solely the Course in General Linguistics. Through the investigation of his texts on the Lithuanian language which were published in his lifetime, as well as a portion of the manuscript called Notes sur l'accentuation lituanienne, we present the theoretical workings of what we consider to be the core of Saussurean thought: difference. In regard to language as the object of Saussurean science, difference unfolds into three aspects: immateriality, virtuality, and relativity. After introducing these three elements of what we call the linguistics of difference in the first section of the article, we dedicate the second section to Saussure's works on the Lithuanian language, summarizing its importance for his corpus. In the last section, we introduce the reader to the Notes sur l'accentuation lituanienne and analyze some of its theoretical innovative aspects. Thus, we hope to shift the traditional image of Ferdinand de Saussure, allowing this author-function to evoke other ways to produce knowledge in the field of linguistic studies, while bringing to light this linguist's active participation in the scientific community of 19th century historical-comparative grammar.

Keywords: *Saussurean linguistics. Lithuanian. Historical-comparative grammar.*